

Trazendo ao presente os sócios Valdelice Carneiro Girão e João Alfredo de Sousa Montenegro

EDUARDO DE CASTRO BEZERRA NETO*



Caríssimos participantes desta nossa reunião.

Devo falar sobre duas pessoas admiráveis, integrantes do que na época se chamava de Sócios Efetivos do Instituto do Ceará e hoje o Estatuto os denomina Associados. Refiro-me a Valdelice Carneiro Girão, eleita em 20.09.1988, e João Alfredo de Sousa Montenegro, eleito em 06.05.1991.

Começo reafirmando a importância da liberdade de pensamento. Coerentemente, agradeço a atenção por me ouvirem, porém não peço que concordem com o conteúdo da minha argumentação. Respeito igualmente os que vierem a concordar e os que discordarem. Há um provérbio que diz:

“Não há proposição lógica que não possa ser contestada, nem absurdo que não possa ser defendido.”

Estamos todos nessa situação. Onde está a lógica? Onde está o absurdo? Cada pessoa aqui presente tem a liberdade de assumir a sua posição.

Relembro viva a Valdelice e vivo o João Alfredo, pois assim eles permanecem. Mencionar datas de falecimento não faz sentido. Trata-se de simples fenômeno biológico secundário. Essencial é o plano transcendente da existência. A transcendência ultrapassa o espaço-tempo concebido por Einstein. O plano transcendente, eterno, é aquele da manifestação plena de Deus, do qual participam os seres humanos por Ele

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

criados, que se libertaram do corpo físico. E nós também, que permanecemos com nossos corpos neste plano material da existência.

Por conseguinte, é no presente único de Deus que concebo a existência dos nossos consócios Valdelice Carneiro Girão e João Alfredo de Sousa Montenegro. E convido a todos que aqui se encontram a considerá-los nessa forma atemporal de existir.

Por que pensar assim? Pode parecer um paradoxo, mas Platão foi o primeiro pensador cristão. Isto, apesar de ele ter oferecido a sua contribuição à evolução do pensamento humano quatro séculos antes de Jesus ter nascido. E quando adulto, Jesus transmitiu ele próprio a sua mensagem, a todas as pessoas, como Filho de Deus, em acordo com Mateus, Marcos e Lucas; igualmente como Palavra de Deus em acordo com João. Os cristãos assim aceitam. Os não-cristãos têm o direito de discordar.

Ocorre que o cristianismo, ao atrair pensadores cultos para a igreja que se expandia, estes convertidos cultos trouxeram como base de sua cultura filosófica o pensamento de Platão. Na época era corrente o movimento que veio a ser denominado “neoplatonismo”. Nos dias de hoje, lendo o que escreveram aqueles luminares cristãos entre os séculos II e VIII é difícil distinguir o que se fundamenta na mensagem universal, mas de base judaica, com origem em Jesus Cristo e o que se fundamenta na mensagem também universal, mas de base grega, originada em Platão.

Não é por acaso que ao visitarem os Museus do Vaticano, em uma das salas as pessoas encontram um grande mural que recebe o título de “A Escola de Atenas”. Foi pintado pelo célebre Rafael Sanzio. No centro do mural estão retratadas as duas personalidades mais expressivas: Platão e Aristóteles. Platão leva consigo um livro na mão esquerda. O título pode ser lido: “Timaios”; em português “Timeu”. É uma obra da maturidade do filósofo. No capítulo 37 é descrita a “criação do universo”, outras vezes denominado “céus”.

Platão utiliza expressões que surpreendem. Menciona “deuses eternos” (aidiontheôn), que no cristianismo se converte facilmente em “Deus eterno”. Também usa, “Pai criador” (gennesas pater). No cristianismo o ser mais elevado é Deus Pai, criador do universo e dos seres humanos.

Merece atenção o adjetivo aplicado por Platão aos deuses: “aidion”= “eternos”, plural. Esse mesmo adjetivo consta no texto grego do

Novo Testamento. Referindo-se a Deus, o Apóstolo Paulo expõe com muita propriedade em Romanos 1,20:

“Sua [de Deus] realidade invisível, seu eterno (aidios) poder e divindade ...”

Ou seja, “A realidade invisível, o eterno (aidios) poder e divindade de Deus ...”

Pela época em que viveu e pela formação que recebeu não creio que Paulo tenha conhecido os escritos de Platão. Prefiro entender que o pensador judeu-cristão Paulo e o pensador grego que o antecedeu, Platão, compartilhavam espontaneamente o entendimento da eternidade de Deus.

Na eternidade (aidios) de Deus não se manifesta o fluxo do tempo. O passado não foi: permanece. O presente não flui: é e continua sendo. O futuro não vem: mantém-se presente. É a mesma eternidade das pessoas que passaram para o plano transcendente, porquanto integradas a Deus.

Podemos pensar em Valdelice Carneiro Girão e João Alfredo de Sousa Montenegro como integrantes desse meio.

Adiante, Platão refere que o Pai criador criou uma “imagem da eternidade”(aiônioneikona) e nela inseriu o “tempo” (chronou). Diz ele que os dias e as noites, os meses e os anos, não existiam antes de o céu ter sido gerado. Convém notar que quando o “tempo” é inserido na “imagem da eternidade”o adjetivo muda. Não mais “aidion” é empregado. O termo muda: no singular “aionios”, no plural “aionion”.

Entretanto, nas traduções do Novo Testamento “aidios”, “aidion”, “aionios”, “aionion” são vertidos pela mesma expressão: “eterno”, “eternos”. É uma concepção incorreta que vem tendo continuidade. Eterno, eternos, sem fluxo de tempo, é “aidios” ou “aidion”. Tempo sem duração definida conhecida ou sem limites precisos, é “aiônios” ou “aiônion”. No grego, as palavras que transmitem conceitos diferentes são também distintas. Apesar de ser assim no texto grego do Novo Testamento, nas traduções para as línguas modernas os conceitos distintos convergem para uma mesma palavra.

No decorrer da História é diferente a ordem na maneira de entender as origens. Os pensadores que redigiram a Bíblia Hebraica foram

anteriores a Platão. Mas o que pensavam revela afinidades com o pensamento do filósofo. Não obstante, há uma diferença fundamental: um só Deus na tradição hebraica; vários deuses na tradição politeísta grega. O cristianismo dos primeiros séculos se beneficiou das duas fontes: a hebraica e a grega, todavia sem se prender ao politeísmo desta. Ótimo que tenha sido assim.

Podemos mais uma vez situar nossos consócios Valdelice Carneiro Girão e João Alfredo de Sousa Montenegro. Junto a eles nós que aqui estamos também nos situamos. A eternidade atemporal de Deus é a que os acolhe. O que nos congrega é a imagem temporal da eternidade. Contudo, em ambas Deus É presente. E é exatamente em Deus que eles e nós nos unimos.

Por isso não me refiro às datas das vidas terrenas que se aplicam à Valdelice e ao João Alfredo. Faço exceção às datas do ingresso no Instituto. De modo análogo, não mencionarei suas obras, que estão bem situadas no *Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará*.

Prefiro reafirmar com inteira convicção que nós permanecemos unidos além do aparente fluxo do tempo. Nossa união se apoia no poder infinito de Deus. Ele nos criou a todos; Ele nos mantém unidos. Não há necessidade de ver a Valdelice, de ver o João Alfredo. É suficiente guardar a consciência de que permanecemos unidos.

(Fortaleza, 20 de outubro de 2014).